AYRES D'ORNELLAS

O Imperio Colonial Portuguez

PERANTE

A GUERRA ACTUAL

CONFERENCIA PRONUNCIADA

NA

LIGA NAVAL PORTUGUEZA

EM

26 de Novembro de 1917

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL
Praça dos Restauradores, 24
1917

O Imperio Colonial Portuguez

HG
18918 6

AYRES D'ORNELLAS

O Imperio Colonial Portuguez

PERANTE

A GUERRA ACTUAL

CONFERENCIA PRONUNCIADA

NA

LIGA NAVAL PORTUGUEZA

EM

26 de Novembro de 1917

BIBLIOTECA
Livro N.º 1814
(F)

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL
Praça dos Restauradores, 24
—
1917

HG
18918 6

R. 161689

Minhas Senhoras:

Meus Senhores:

A transformação, em coisa de 4 seculos, do pequeno feudo do Reino de Leão constituindo o Condado Portucalense, na primeira potencia naval e colonisadora da Renascença, quando o seu Rei assumia o titulo de Senhor da Conquista, Navegação e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India, é por certo um dos mais maravilhosos capitulos da Historia do mundo! Mas é por isso seguro que não podia representar uma mera aventura, antes era a consequencia logica das leis naturaes que tinham presidido á formação e expansão do Reino de Portugal.

E' preciso ler as *Povoas maritimas,* do admiravel historiador Alberto Sampaio, para vêr como a actividade da nossa incipiente nacionalidade teve o seu campo natural d'acção no mar, como a cabotagem se abria ao commercio externo logo no tempo de D. Diniz o verdadeiro creador da *marinha nacional.* Tudo se expandia á vontade desde que a conquista de Lisboa tornára livre o mar portuguez. E ao acabar a 1.ª dynastia o poder naval portuguez estava criado e exigia de D. Fernando a mais perfeita codificação de regras e principios maritimos até então conhecido: isenção de direitos para as materias primas, do serviço militar aos armadores, premios de navegação, registo maritimo, estatistica naval, seguros, cooperativas tudo encontramos na legislação d'aquelle Rei Formoso que a historia nos sabe apenas pintar como presa da fatal belleza da fascinadora Flôr de altura!

Foi o *poder naval* por elle deixado que o genio do

Infante D. Henrique atirou por esse mundo fóra até aos confins do globo!

E se mais mundo houvera lá chegára!

O Visconde de Santarem foi o primeiro a explicar a significação da *prioridade* das descobertas portuguezas. Não importa para o caso que as Canarias fossem conhecidas antes de João de Béthencourt, ou que Roberto Machin morresse na Madeira com Anna d'Arfet. O mundo só conheceu a sua parte extra-europeia por intermedio nosso. A epocha em que nós aportámos a essas praias é que marca. D'ahi em diante entraram por nossa mão no convivio da civilisação. Porque mesmo a descoberta da America é indubitavelmente parte integrante da exploração do Atlantico como o genio do Infante a concebera. Foram dados fornecidos por pilotos portuguezes que ministraram a Colombo a ideia de alcançar Cipango e o Cathay caminhando para o occidente, como ainda fora a bordo de caravellas portuguezas que adquirira o profundo conhecimento e sciencia do mar que tanto caracterisaram o grande navegador.

«Mandando, como diz o chronista, navios ao longo da Costa d'Africa com tenção de chegar ao fim dos seus pensamentos que era descobrir d'estas partes occidentaes a navegação para a India», as navegações de Bartholomeu Dias e de Vasco da Gama estão em germen na escola de Sagres onde o genio maravilhoso do Infante definiu e marcou o objectivo á politica nacional. Seria como gran mestre da Ordem de Christo á qual D. Diniz propheticamente se pode dizer, déra como fim a *extensão da monarchia*? O que é certo é que o sentir nacional viu sempre n'elle o originador da nossa politica ultramarina. Folheando ha pouco o *Cancioneiro* de Rezende na magnifica edição acabada de sahir dos prelos da Universidade, encontramos as seguintes curiosas trovas:

Diogo velho, da Chãcellaria da caça que se caça em Portugal (1516)

Rezam he que nom n'fique
a alma do ifante Anrique
E que por ella se soprique
ao nosso deos celestrial.

Por que foi *desejador*
I o primeiro *achador*
... da parte oriental.

o poderoso rey segundo
joham perfeyto, jocundo
que seguio este profundo
Caminho tão *divinal.*

o cabo da Boa Esperança
descobrio com temperança
por sinal e demonstrança
deste bem que tanto val.

E Manuel sobrepojante
rey perfeyto, roboante
sojugou mais por diante
toda a parte oriental.

Nunca sejam esquecidos
Seus nomes, sempre sabidos
e de gloria cumpridos
para sempre eternal.

as nossas coisas presentes
sam hanos tão cuydentes
como *nunqua outras jentes*
jamais viram mundo tal.

o que caça tão real
que se caça em Portugal.

Naturalmente como succedeu depois em Inglaterra e ainda hoje, houve logo quem protestasse contra essa ideia grandiosa do *Portugal maior*. O Infante D. Pedro foi sempre adverso á politica do irmão, e todas essas noções de pacatez é terra a terra estão admiravelmente compendiadas na falla do Velho do Restello. Mas o sentimento nacional foi-lhe sempre adverso: foram já as cortes de Coimbra que depois do desastre de Tanger regeitavam a entrega de Ceuta, e sacrificavam o Infante Santo ao interesse nacional. E até hoje, sem um desfallecimento, o sentimento e a opinião nacional tem considerado o dominio portuguez além mar como integrado no proprio corpo da nação. E porque a tradição que elle representa comprehende não só toda a acção europeia nos outros continentes mas foi ainda um factor de decisiva importancia nos diversos ramos do saber humano, importa ao nosso estudo indicar-lhe os traços geraes. Só assim se pode deveras ter a comprehensão do que representa no mundo o *Ultramar Portuguez*.

Os historiadores inglezes contemporaneos são unanimes em constatar que a politica britannica na Asia não fez senão seguir os traços geraes marcados pelo genio protentoso de Albuquerque. «O Imperio Portuguez, escreveu Oliveira Martins n'uma das suas phrases felizes, teve a India por theatro: Alexandre resuscitou; Alexandre chamou-se portuguezmente Albuquerque.» Deveras o genio do grande portuguez assentou d'uma vez os alicerces do senhorio europeu na Asia: no curto espaço de seis annos com uma pequenissima esquadra manteve a supremacia do poder naval portuguez desde o Mar Roxo a Malaca; dos soldados e aventureiros fez um *exercito* na verdadeira acepção da palavra, o exercito da tomada de Goa e do desembarque e conquista de Malaca. A subtileza do seu engenho revelava-lhe os segredos tortuosos da diplomacia oriental, a energia da sua tempera superava todos os obstaculos; a perspicaz visão do genio apontava-lhe os pontos

decisivos, Ormuz que havia de ser «tão grande *escapola* da India que se espantem as gentes»; Goa, «tão grande coisa e tão principal que della se poderia recuperar a India»; Malaca, chave do commercio das Indias com o Cathay de Marco Polo. E ao mesmo tempo, mantendo e guardando intactas as tradições e usos das Communidades de Goa estabelecia um precedente de incalculavel importancia no futuro regimen da India entregando ás auctoridades nativas a administração dos seus proprios interesses locaes.

Quando Albuquerque nomeava Timojá, que acabava de vencer, *Tanadar* da ilha de Goa abria um exemplo das mais extraordinarias consequencias, primeiro seguido pelos administradores da Companhia das Indias deixando os chefes nativos nos seus logares, estabelecendo na *confiança* a base do dominio alheio, principio sem o qual não ha colonisação possivel e de que acabamos de ver nos nossos dias a mais admiravel e fertil applicação quando a Gran Bretanha dava aos Botha e aos Smuts o governo do seu paiz conquistado para o Imperio!

Eis a differença essencial entre os processos colonisadores *nossos* e que a Gran Bretanha tem depois seguido primeiro na India e depois no seu vasto Imperio, com os resultados que a guerra actual diariamente demonstra d'aquelles que sob o nome generico de *pan-germanismo* annulam todo e qualquer direito alheio subsistindo unica e simplesmente o do vencedor que os resume e possue todos.

A impotente prussificação da Alsacia, a expropriação das terras polacas com a prohibição do uso da propria lingua, são exemplos d'este methodo e dão sobeja ideia do futuro que a applicação de semelhantes principios traria ao mundo. A victoria allemã trazia para o resto do mundo a servidão pura e simples, desde a servidão intellectual á servidão economica.

Aqui deixamos desde já estabelecida a differença radical entre o *militarismo* prussiano e o que se pretende cha-

mar o *navalismo* inglez. E não é somenos titulo de gloria para nós ser portugueza a primeira applicação d'esse principio essencial de governo.

* * *

A descoberta do caminho da India, o senhorio da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India despertaram na Europa d'então um prodigioso INTERESSE bem superior por certo ao da descoberta da America. E no estudo e observação de tanta coisa nova que se ia apresentando ao seu olhar penetrante de navegadores natos, prestaram ainda os portuguezes um serviço relevante á humanidade da Renascença. O *interesse* pela vida, o *realismo* na observação da natureza, foram factores essenciaes por nós introduzidos no vasto movimento d'ideias da Europa d'então: os *Coloquios* de Garcia da Orta, o *Roteiro do Mar Roxo* de D. João de Castro, os *Lusiadas,* são tres exemplos *decisivos* do que acabamos d'affirmar. Os factos eram apresentados com rigorosa verdade, observados que eram com verdadeiro interesse; e a sua analyse, como as conclusões d'elles, eram tiradas sem qualquer especie de preconceito d'escola.

Bacon, Descartes, Galileu, transcendentalisaram ou melhor generalisaram doutrinas e ideias scientificas de Garcia da Orta ou D. João de Castro. Toda a nossa maravilhosa litteratura do grande periodo do seculo XVI tem um cunho marcado de naturalismo que chega ao maximo de realidade nos *Autos de Gil Vicente,* mas que se encontra até na narração sentenciosa e por vezes pomposa de Barros ou de Faria e Sousa. Na arte, a introducção de formas novas, do exotismo, não impedindo realismo das figuras deu-nos o estylo manuelino; d'este temos o exemplar acabado e *classico,* nos Jeronymos. Os curiosos e ama-

dores de pintura lembrando-se da tendencia ao exaggero da escola hespanhola, poderão ir buscar ao sangue portuguez de Velasques, o sentimento unico de proporção, o realismo flagrante de verdade do maravilhoso auctor das *Fiandeiras* ou do retrato d'Innocencio X da Galeria Doria. Essa faculdade unica de apprehender a realidade, absolutamente nossa, e do nosso periodo epico, deu ao mundo tres dos maiores pintores de retratos de todas as epochas — Nuno Gonçalves, Velasques e Sanches Coelho.

Que admiravel raça foi então a raça portugueza! Passamos o tempo, não sei porque doentia aberração, a fallar nos *crimes,* nas *vergonhas,* nas *atrocidades* da nossa historia ultramarina! Crime, é esquecer que tudo quanto representa hoje o *progresso* da civilisação europeia, foi devido a nós; *vergonha,* deixar a mãos alheias levantar na historia os monumentos condignos dos nossos grandes homens; *atrocidade,* suppôr que a expansão nacional foi um abandono da tradição! Os chefes d'essa raça, os *representative men,* como dizem os inglezes, eram d'essa fidalguia portugueza que tornou o seu nome de classe symbolo de todas as virtudes masculas com que um homem se pode honrar: os *corações d'oiro,* as *espadas largas* de que falla Diogo do Couto. Ella deu poetas como Camões, homens d'Estado como Albuquerque hombreando no genio só com Alexandre Cesar e Napoleão; reis como D. João II ou D. Manoel, e os altos infantes da inclita geração. Soldados, eruditos, humanistas como D. João de Castro, Martim Affonso de Sousa, heroes como os de Diu ou do cerco de Chaul: quaesquer que fossem as contigencias em que se encontravam venciam sempre. Mais brilhante, mais instruida, mais nobre e mais fina, não houve na grande epocha da Renancença sociedade superior á sociedade portugueza. As faculdades da raça desabrocham então em toda a sua plenitude, e a sua obra constitue um dos mais maravilhosos capitulos da passagem do homem sobre a face da terra!

* * *

Toda a nossa Azia, escrevia João de Barros nas Decadas, *é fundada na navegação.* A necessidade do dominio do mar para manter um imperio colonial não podia escapar á sagacidade dos mestres em todas as artes do mar que nós eramos então. E modernamente, a obra de Mahan sobre a importancia e a influencia do poder naval na historia não é no fundo senão um commentario d'aquella phrase. O primeiro vice-rei da India, na sua correspondencia com D. Manoel insiste sempre na necessidade de manter o senhorio da navegação. Os principios, digamos assim, da estrategia imperialista estão alli todos expostos e definidos. Do *senhorio da navegação* derivava logo naturalmente o *senhorio do commercio,* que então comprehendia o monopolio de todo o trafego do Oriente e Africa para a Coroa Portugueza. D'ahi vinha tambem a comprehensão nitida da politica a seguir: a alliança com os rajás hindús contra o poderio muçulmano, o poderio dos Rumes.

A batalha naval de fevereiro 1509 em que D. Francisco d'Almeida batia a armada de Mir-Hocem entre Diu e o Guzerate, foi uma das batalhas *decisivas* da historia da Asia: a supremacia naval portugueza ficou segura até lhe apparecerem os concorrentes europeus. Nella vingou o grande vice-rei a morte do heroico filho, aquelle lendario D. Lourenço que com as duas pernas quebradas por um pelouro commandava sentado, amarrado ao mastro grande da nau! «*Os que mataram o frango,* hão-de comer o gallo, ou matal-o»; dizia o Pae ao receber intrepidamente a noticia da derrota em Chaul. Foi elle que, parecendo naquelle dia querer afogar a Asia toda em sangue, affirmou de vez o senhorio europeu nos mares da Asia, factor essencial da civilisação até aos nossos dias.

E' costume na maioria das historias apresentar o desastre d'Alcacer-Kibir como uma catastrophe nacional onde de vez se sumia o infeliz imperio colonial portuguez. E' ainda costume e habito insistir na *decadencia* da nação, na sua *miseria,* na *depravação* trazida pelo Oriente, e analogos logares communs. Ora em isto tudo ha muita litteratura romantica. Os periodos de maior ou menor acção d'um povo tem sempre razões naturaes a explical-os. Em primeiro logar, a nossa propria situação geographica que fora a razão determinante da exploração do Atlantico, era em relação ao resto da Europa uma causa d'inferioridade na distribuição d'aquelle commercio de que Lisboa tinha o monopolio. E' certo que o erro economico da epocha que fazia tomar o oiro como riqueza por si só, não basta para explicar como se estabeleceu a concorrencia a esse monopolio. E' porque sendo absolutamente excentrico em relação ao resto da Europa, o porto de Lisboa, tornava-se necessaria uma nova navegação para *distribuir* a riqueza aqui accumulada. E á medida que essa navegação de distribuição augmentava, vinha naturalmente a ideia de ir á origem d'essa riqueza e leval-a directamente ás Flandres ou á Hollanda d'onde um systema arterial magnifico e natural de rios e canaes faziam facil e barato, leval-as ao interior do Continente europeu. Nem todo o genio d'Albuquerque teria sido capaz de remediar esta causa natural de fraqueza.

O desastre d'Alcacer trouxe inevitavelmente a incorporação na monarchia hespanhola, e com ella o corte da antiga alliança. Com o desastre, muito maior, da Invencivel Armada, desappareceu de vez das nossas mãos o Senhorio do Mar e o caminho da India ficava aberto á concorrencia estranha.

São, pois, dois factores que na historia andam a par: independencia e alliança. A perda da primeira, com o abandono da segunda, foi o primeiro golpe no Imperio colonial

portuguez. Mas a unidade nacional, a primeira que se constituiu na Europa, foi a creadora d'esse Imperio, e no reinado de D. João III a colonisadora do Brazil.

A obra nacional da dynastia d'Aviz, seguidora da tradicção naval da primeira, era tamanha, que não soffria a absorpção na Peninsula hispanica: Portugal não era o reino de Leão, o Aragão ou a Catalunha.

A sua acção no mundo não se confundia com qualquer outra; a sua tradicção não se podia apagar.

A nação resurgia, apoz 60 annos d'um captiveiro exgotante, e a sua pasmosa vitalidade ia affirmar-se n'uma lucta que, afinal, só vinha a acabar na paz d'Utrech, 73 annos mais tarde. N'ella salvava o paiz, um imperio colonial que era ainda, então, o segundo do mundo. E se, ao concluirem as guerras napoleonicas, nós passaramos ao terceiro logar, se entretanto Clive e Warren Hastings tinham lançado as bases do actual Imperio da India, e Wolfe tomado Quebec, nós tinhamos dado ao mundo a maravilhosa nacionalidade do Brazil!

Porque sestro mau, porque extranha aberração uma tão magnifica historia nos não deixa, em geral lida nas *historias,* senão uma impressão de decadencia? Porque não apreciamos, e menos exaltamos devidamente, a obra da dynastia de Bragança, salvando o patrimonio colonial portuguez atravez as mais apertadas contingencias da politica europeia? Como se concebe que o acto eminentemente politico de D. João VI que ia dar origem á nação brazileira, salvando a dignidade da corôa portugueza dos vexames inolvidaveis de Bayona, seja apontado á mocidade como uma deserção?

Responda por mim, explique este desgraçado *senão* portuguez que nos faz teimosamente depreciar o que é nosso, um grande portuguez, um dos diplomatas da restauração, o insigne Antonio Vieira.

Todos sabem como elle fazia politica no pulpito.

Os sermões, principalmente prégados na Capella Real, são inapreciaveis documentos politicos da epocha. Ora em 1697, prégava elle na Paschoa, na capella Real: o thema escolhido eram as quatro apparições de Nosso Senhor Jesus Christo, depois de resuscitado.

Ouçamos como elle as applica á politica:

«N'estas quatro apparições, estão representados quatro generos de vassallos, ou quatro generos de condições de vassallos. Ha uns vassallos que são como S. Pedro; com verem o seu rei, com lhes apparecer o seu rei se dão por contentes. Ha outros vassallos que são como a Madalena: não lhes basta o ver nem apparecer. Mas se o rei os chama pelo seu nome, se o rei lhes sabe o nome, não hão mister mais para viver consolados e satisfeitos. Ha outros que são como S. Thomé: se o rei lhes não entrega a mão e o lado, se lhes não abre os *arcanos mais interiores do Estado* (ainda que sejam d'aquelles que duvidaram e só vieram ao cabo d'oito dias como S. Thomé) não se dão por bem livrados. Ha outros, finalmente, como os discipulos de Emauz, que, por mais profecias que se lhes dêem, emquanto se lhes não dá o pão, estão com os olhos e com os corações fechados, nem conhecem, nem reconhecem. Ora censuremos estas quatro qualidades de vassallos. Os que se contentam só com ver, são finos. Os que se contentam como a Madalena, em que lhes saibam só o nome, são honrados. Os que se não contentam como S. Thomé, senão com o lado, são ambiciosos. Os que se não contentam, como os d'Emauz, senão depois de lhes darem o pão, são interesseiros. E os que, com todas estas coisas ainda se não contentam?... São portuguezes».

*
* *

D. João IV viu admiravelmente o problema colonial que lhe era posto ao subir ao throno. N'uma conversa com o enviado francez, Mr. de Jant, que se encontra relatada no *Quadro Elementar*, dizia o Rei, que se reputaria mais feliz se possuisse menos reinos remotos que lhe eram pesados e se contentaria com o Brazil que intitulava a sua

vacca de leite, juntamente com o reino d'Angola, as praças d'Africa, as ilhas da Madeira, Açores e Cabo Verde. *Juntos estes Estados com Portugal não trocaria a sua condição pela de nenhum outro principe da Europa.* E' certissimo: que influencia teriamos no mundo se o Atlantico fosse um lago portuguez: portuguezas as duas margens, Brazil e Angola, portuguezas as bases navaes, os pontos estrategicos do mar com os Açores e Cabo Verde, e até a prolongação do territorio nacional aos Algarves d'Alem Mar com as Praças d'Africa. Ainda depois do Marquez de Pombal ter definitivamente abandonado estas ultimas, e do Brazil ser independente, o problema do Atlantico não tem feito senão crescer o valor d'Angola, como a abertura do canal de Panamá realça a valia estrategica dos Açores.

Pelo Atlantico fóra fomos nós marcando os diversos typos da colonisação africana: colonias de *povoação* na Madeira e Açores; a *feitoria,* o entreposto commercial defendido por uma fortaleza, na Costa da Mina; as companhias de commercio e navegação na Companhia de Lançarote que assim foi mãe das futuras Companhias das Indias d'uma das quaes proveiu afinal a nação hollandeza; as companhias concessionarias com direitos de soberania nos *contractos* de D. Affonso V com Fernão Gomes para a exploração da Guiné: origem da *Charteced* Company, da Companhia de Moçambique e de tantas outras com tão excepcional papel na colonisação contemporanea; a colonia *penal* em S. Thomé; o *protectorado* com o Reino do Congo.

Deveras: quem vae pela costa d'Africa abaixo vae seguindo um curso da historia da colonisação portugueza, que não é afinal de contas senão um maravilhoso capitulo da Historia da expansão da civilisação europeia. E é preciso insistir — desde que terminou entre nós o periodo agitado das luctas civis, a actividade nacional que abrira á Europa o Senhorio da Asia e criára depois o Brazil vol-

ta-se incansavel para Africa. Alli em pouco mais de meio seculo apresentamos em S. Thomé a *primeira* colonia de plantação hoje conhecida, criamos na *fazenda* d'Angola e nos *prazos* da Zambezia typos acabados da exploração agricola africana, e *organisavamos* — porque nós tambem sabemos organisar — os serviços do porto e caminho de ferro em Lourenço Marques por forma muito superior aos dos correspondentes serviços nos restantes portos sul africanos. E entretanto n'uma serie de campanhas nas duas costas d'Africa tinhamos resolvido alguns dos mais decisivos problemas da nossa soberania, como nas do Gungunhana ou contra o Cuamato, e ainda continuavamos a revelar os corações d'oiro, as espadas largas das melhores epochas da nossa historia! Galhardo, Caldas Xavier, Mouzinho, E. Costa, Arthur de Paiva, soffrem absolutamente o confronto com os mais brilhantes nomes da nossa epopeia.

A situação do nosso imperio colonial africano nos ultimos tempos da monarchia caracterisa-se na epocha brilhante da memoravel viagem do Principe Real. Moçambique, que se tornara politicamente a mais importante das nossas colonias africanas acabava de ser reorganisada administrativamente nas bases d'uma autonomia que correspondia ás reclamações dos que n'ella criavam riqueza, ao mesmo tempo que lhe dava logar de equivalencia ás colonias britannicas englobadas na União Sul Africana. O facto era assim comprehendido na Africa Austral: nem uma só municipalidade das muitas visitadas pelo Principe Real deixava na respectiva homenagem de lhe fazer a devida referencia.

A organisação do Porto e Caminho de Ferro de Lourenço Marques collocava esses importantes serviços a par, pelo menos, do que havia de melhor na Africa Austral, e a prodigiosa influencia do nome e tradição real portugueza entre o indigena tivera estrondosa demonstração na parada de 25.000 indigenas em Lourenço Marques, como nas

outras manifestações desde a Zambezia até S. Thomé. Aqui a solução do problema do trabalho estava assegurada pela expatriação e a campanha contra nós callada pela visita de Cadbury.

Em Angola as propostas do governo geral, as medidas projectadas durante a viagem, deviam a breve trecho extinguir o *deficit*, unico que então restava nos orçamentos coloniaes. A sentença de S. M. o Rei de Italia, reconhecendo os nossos direitos na arbitragem do Barotze, confirmara a linha fronteira proposta pela commissão portugueza e definira assim a fronteira oriental da grande Provincia. Na recente conferencia de Bruxellas a acção dos representantes de Portugal conseguira prolongar, contra a geral expectativa, o prazo para a transformação da industria assucareira. E quando El-Rei D. Carlos abraçava seu augusto filho ao aportar ao Tejo podia certamente contemplar ufano a obra colonial do seu reinado, que Elle iniciara salvando o dominio colonial nacional d'uma das mais perigosas crises da sua historia: a crise do *ultimatum*.

O projecto de ligação das duas costas d'Africa era muito antigo entre nós. Quando modernamente quizemos effectuar a sua realisação, era tarde. Já nos fins do seculo XVIII o Dr. Lacerda escrevia que a posse do Cabo garantia a do planalto central africano porque a raça branca d'ahi lhe tinha accesso directo sem atravessia da zona paludosa que marca sempre o estuário dos grandes rios africanos. Não sabemos se essa opinião do explorador portuguez era conhecida da governo britanico quando Sir David Baird desembarcava no Cabo em 1806, mas sabemos muito bem que Cecil Rhodes a considerava com um dos mais admiraveis factos da previsão politica. *O mappa côr de rosa* se politicamente era um erro, geographicamente era já de ha muito uma impossibilidade. E foi para o romper que no cerebro poderoso de Cecil Rhodes surgiu a ideia grandiosa do Cape-Cairo Railway.

Do *ultimatum* seguiram-se as delimitações das nossas duas grandes colonias e da forma como ellas foram traçadas resulta a differença na sua exploração e no seu futuro. Angola sobe pelos tres degraus do planalto africano até se alastrar pela sua immensidade em toda a vastissima area que começa em Ambaca. Moçambique ficou limitada pela sua orla. Não ha pois razão alguma para que a primeira não venha a ser uma especie de Argentina Africana; a sua valia está largamente traduzida na cubiça allemã que em volta d'ella se tem exercido.

Atraz dissemos como o *mappa côr de rosa* era uma impossibilidade geographica. Que influencias allemãs se moveriam para essa tinta se alastrar de costa a costa, são segredos diplomaticos ainda não desvendados. Mas o que é claro e patente é que toda a acção da Allemanha em Africa tem sido especial e directamente dirigida contra nós. E é bem facil de seguir, porque o seu ex-imperio colonial africano foi creado na minha geração.

A primeira intervenção notoria allemã foi a de Bismarck contra o tratado do Congo, que nos dava a bacia do grande rio. — «Partilhamos o receio, — escrevia elle ao Conde de Munster, — que a acção portugueza seja prejudicial ao commercio do mundo. A fixação de um limite aos direitos de entrada não é sufficiente protecção contra as desvantagens que o mundo tem a esperar da extensão do systema colonial portuguez sobre territorios que d'elle até agora se tem achado livre».

Era um principio *novo* que se creava em direito internacional, para não dizer que era o proprio direito que cedia uma vez ainda perante a força. Era como que uma *expropriação* por utilidade publica. E o *direito* creado no subsequente Congresso de Berlim vinha *direito* contra nós, sujeitos á applicação da *occupação effectiva* e da doutrina do *Hinterland*.

A occupação que a Allemanha por essa epocha fazia

em *Angra pequena* e a sequente colonia do sudoeste africano não representava senão uma ameaça no flanco da colonia britannica do Cabo, visando a occupação da Bechuanalandia a ligar com as republicas boers.

Toda a historia da queda d'estas republicas está, em germen, n'esse facto. Depois do *raid* de Jameson e nas vesperas da guerra anglo-boer, o *Kolonialès Jarbuch* escrevia:

> A posse do porto natural de Lourenço Marques é condição imperiosa para os Estados boers na Africa do Sul. Sem os boers, as nossas possessões na Africa do Sul de nada valem como colonias. O nosso futuro baseia-se na victoria dos boers e na expulsão da raça britannica fóra da Africa do Sul. A prosperidade das nossas colonias sul africanas, que isoladamente não valem mais que os Kameruns ou a Togolandia, depende da possibilidade de ligar essas duas colonias, ficando assim a Inglaterra restringida no sul e desfeito o sonho de um Imperio Colonial Britannico do Cabo ao Cairo.

Era um mappa côr de rosa allemão; mas não bastava esta facha meridional. Ao norte, as ambições não eram menores: queria ligar a Africa Oriental allemã com os Camarões, absorvendo grande parte do Congo belga. E o mais curioso é que, mesmo depois da guerra, as ambições pan-germanistas sobre a Africa não enfraqueceram.

No periodo immediatamente anterior tinham-se definido especialmente com o tratado Caillaux, de novembro de 1911. Por elle, a colonia allemã dos Camarões era augmentada com cerca de 295 mil kilometros quadrados do Congo francez, atirando duas pontas para o Congo belga, uma pela Lobaya abaixo até Bangui e outra descendo o Sanga até Bonga. Tambem, a seguir á queda da Monarchia, entre nós as ambições allemãs subiam de ponto.

Alcançavam logo do regimen novo o *reconhecimento* dos direitos allemães na fronteira sul de Angola; conseguiam substituir as missões dos jesuitas portuguezes da

Zambezia por missionarios allemães; obtinham em Angola o regimen da *porta aberta* com aprazimento e satisfação do então ministro dos Estrangeiros, que se regosijava na Camara por vêr a Allemanha encarregar-se de assegurar o desenvolvimento economico das colonias da republica!

Isto era em março de 1913:

De Berlim, em maio, Jules Hendemann, escrevendo para o *Matin* os resultados de um inquerito sobre as ambições allemãs, dizia sem ambages:

«A Allemanha não tem colonias; quer tel-as e ha de tel-as *malgré tout!*»

Notaremos de passagem que desde 1884 para cá a Allemanha adquiria em Africa mais de um milhão de milhas quadradas nas colonias do Togo e dos Camarões, do sudoeste e do leste allemães. Isto é o que ella chamava *não ter colonias!*

Com a data de 14 de novembro, o *Temps* escrevia, curiosamente, que a Allemanha proseguia em *silencio* a sua marcha atravez a Africa equatorial e, depois de explicar no que consistia o projecto ferro-viario allemão unindo as duas costas, e como o capital allemão ia contribuir para o caminho de ferro do Lobito, (o que não era exacto), concluia que, «não havendo o direito de suppôr uma conquista allemã da Africa equatorial, era porém licito admittir que uma *pressão politica* se exercia em Portugal, visto as pautas d'Angola serem nocivas e incommodas para as mercadorias allemãs».

A simplicidade com que um jornal da cathegoria do *Temps* escrevia uma monstruosidade d'esta ordem dá perfeitamente ideia do conceito em que era tido o governo de Lisboa: não se lhe reconhecia já o direito de ter nas *suas* colonias as pautas que conviessem á *sua* industria, ou aos seus interesses. Não senhor! Era preciso que não fossem prejudicar o commercio allemão Isto passava sem reparo em Portugal! Não admira, portanto, que o mesmo jornal

declarasse, ainda a sério, que a pretensão allemã nada tinha de *illegitima* (textual). Tal era a situação do Imperio Colonial Portuguez ao rebentar a actual conflagração.

E logo, apoz ella, o primeiro acto allemão a nosso respeito é o tratado com G. Maritz, que precedeu a rebellião do chefe boer.

Entre outros artigos, esse tratado tinha os seguintes:

— Declarava independente a Africa Austral; o governador do sudoeste allemão compromette-se a fazer reconhecer o novo Estado pelo Imperio allemão e a fazel-o incluir no tratado geral da paz;

— Em consideração d'esse apoio, o novo Estado não se opporá á occupação allemã de Walfish bay e das ilhas na costa da Colonia;

— O rio Orange será limite entre a colonia allemã e a colonia do Cabo;

— *O Imperio allemão não se opporá a que o novo Estado se apodere da Bahia de Lourenço Marques.*

Mas o que é curioso é que as ambições africanas allemãs não enfraqueceram mesmo depois de perdido o Sudoeste e da quasi completa conquista do Leste allemão.

A «Havas» publicava em fevereiro o seguinte telegramma:

LONDRES, 14. — Segundo os jornaes allemães, o professor Hans Meyer, de Leipzig, que é considerado como uma das melhores auctoridades allemãs sobre coisas de Africa, fez uma conferencia em Berlim sobre *a necessidade para a Allemanha de annexar as colonias portuguezas.* A Allemanha deve em primeiro logar alcançar Angola, e não sómente assegurar-se da posse do nordeste africano portuguez, mas tambem do territorio ao sul da Zambezia. O fim colonial allemão deve ser um imperio central africano assente em tres pilares: os Camarões, o sudoeste africano, e o leste africano. Todavia, a Africa central tropical não é sufficiente, e a Allemanha deve assegurar os seus caminhos maritimos pela acquisição de bases navaes e obter territorios que, pela sua producção, balanceiem a desigualdade colonial da Africa central. Os Açores

e Madeira, assim como as ilhas de Cabo Verde, são tambem indispensaveis, como principio, e acima de tudo S. Thomé. Finalmente, a Allemanha deve tambem entrar na posse da Guiné portugueza.

Ha devéras na Allemanha uma singular recrudescencia na campanha *colonial:* ha bem pouco tempo o ministro Solf percorria as principaes cidades do Imperio para convencer a opinião publica da necessidade d'um Imperio Colonial. E deveria este ser organisado por forma a poder ministrar ás industrias allemãs as materias primas com que laboram. E' a doutrina da *independencia industrial,* tão necessaria, dizia o ministro, como a *independencia militar.* E' o criterio que já abraçou o socialismo-imperialista allemão.

D'ahi concluia, com logica allemã, a *Gazeta de Colonia:*

> Se quizermos fixar qual a extensão necessaria do nosso Imperio Colonial, *d'aquelle que nos é* INDISPENSAVEL, temos que formular as listas das materias primas precisas para assegurar a independencia da nossa industria.
>
> E' evidente que o Continente Africano, agora em pleno periodo de desenvolvimento, *é o territorio designado para a nossa futura expansão.*
>
> A Africa encerra immensas areas por explorar, inexgotaveis recursos de mão d'obra, que a abertura de vias de communicação, rapidas e em grande escala, acompanhada da precisa educação do indigena, tornariam utilisaveis n'um futuro proximo.
>
> Eis para onde se deve dirigir a actividade do povo allemão e todo o cuidado dos seus governantes.

Este sonho pan-germanista apparecia bem curiosamente concretisado n'aquelle mirabolante projecto do Estado internacional da Africa tropical, apresentado no Congresso Socialista de Londres. Escuso de recordar aqui o protesto unisono que elle levantou na imprensa portugueza de todos os matizes. A breve trecho era evidente que se tratava de uma *manobra pacifista* allemã, e por isso mesmo o Primeiro Ministro fazia sahir do ministerio mr. Henderson.

E os eccos da opinião publica chegavam ao Parlamento Britannico, onde o governo definia claramente a situação do dominio colonial portuguez perante a guerra. Um deputado, Sir O. Philipps, perguntava na Camara dos Communs se, em vista da anciedade que causou em Portugal a proposta do partido operario, pedindo a internacionalisação da Africa central, o governo está decidido a declarar que não é, de modo algum, responsavel por tal idéa. Lord Robert Cecil responde, dizendo que o governo se sente satisfeito com a opportunidade que lhe é offerecida para declarar que de modo nenhum é responsavel pela proposta e que a Gran-Bretanha promette, ao contrario, defender e proteger as colonias portuguezas contra todos os inimigos.

Ha cerca d'um mez, n'um artigo que tinha por titulo — A nossa mais antiga alliada — o *Times* referiu-se á renovação entre os dois exercitos da camaradagem de combate da Guerra Peninsular; constatava quanto contribuira para a acção americana na guerra a grande influencia moral mantida por nós na maior das nossas antigas colonias, o Brazil — e terminava com a phrase de Lord Chatham em 1760, dizendo ter ainda hoje inteira e cabal applicação. O grande primeiro ministro da Gran-Bretanha affirmava então que a defeza do Reino e de todos os Estados de Portugal interessava em primeiro logar á propria segurança da corôa e povo britannicos. A guerra actual, restaurando a politica da Gran-Bretanha em toda a sua linha tradiccional, havia forçosamente de valorisar a sua mais antiga alliança. A communidade de interesses surge de quanto temos deixado exposto. As ambições allemãs em Africa atacam por egual os dois imperios coloniaes. Se a rebellião boer conseguisse cortar a Colonia do Cabo da Rhodezia, atirava por egual com Portugal pela Bahia de Lourenço Marques fóra. Alliados da Gran-Bretanha, é a nós mesmos que defendemos. Sobre isto não pode haver duvida.

Mas isto só não basta. Temos que nos guardar a nós proprios tambem. Com a guerra surgem problemas d'outra ordem e d'outra magnitude.

As nacionalidades novas que são os dominios ultramarinos da Gran-Bretanha surgem d'este conflicto com uma singular pujança. Os seus homens d'Estado não são inferiores, bem ao contrario, áquelles a quem tem cabido a direcção dos negocios dos alliados. As ambições crescerão naturalmente com a importancia da victoria. A União Sul Africana conquistou já o sudoeste allemão: a colonia de leste está por pouco a cahir nas suas mãos. São de diversa ordem os problemas que estes factos determinam a nosso respeito, e só o seu estudo exigiria outra conferencia especial. As ligações ferro-viarias do antigo sudoeste allemão com a rede sul africana teem em relação a Angola importancia especial. As communicações do Nyassa com o mar, a acquisição pela Belgica d'uma parte valiosa do leste allemão, são pontos que devem já merecer toda a nossa attenção.

Ha mais ainda. A acção da America está fazendo entrar a guerra n'aquillo que se pode chamar a *phase americana*. Ella datará na historia da carta sensacional de Lord Northcliffe. As democracias occidentaes vão a caminho da subordinação á *dictadura* de Wilson. As consequencias para o futuro economico da Europa são incalculaveis.

Até que ponto ella visa exercer-se nos dominios coloniaes quando a sua navegação vae assumir um papel preponderante, é uma interrogação que tem forçosamente que ficar em suspenso.

Mas eu não quereria deixar a mocidade que me escuta sob uma impressão pessimista. A historia que tão pallidamente procurei desenhar perante vós é uma perenne lição da energia e vitalidade d'uma nação.

Tenho dito.

H.G.
18918 6